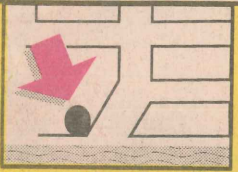


Para resgatar a perda urbana do progresso



LOCALIZAÇÃO

Os apartamentos da Construtora Garante são de frente para o mar, próximo a padarias, supermercados, farmácias, hospital, etc.



Valorização Garantida. Satisfação Permanente.

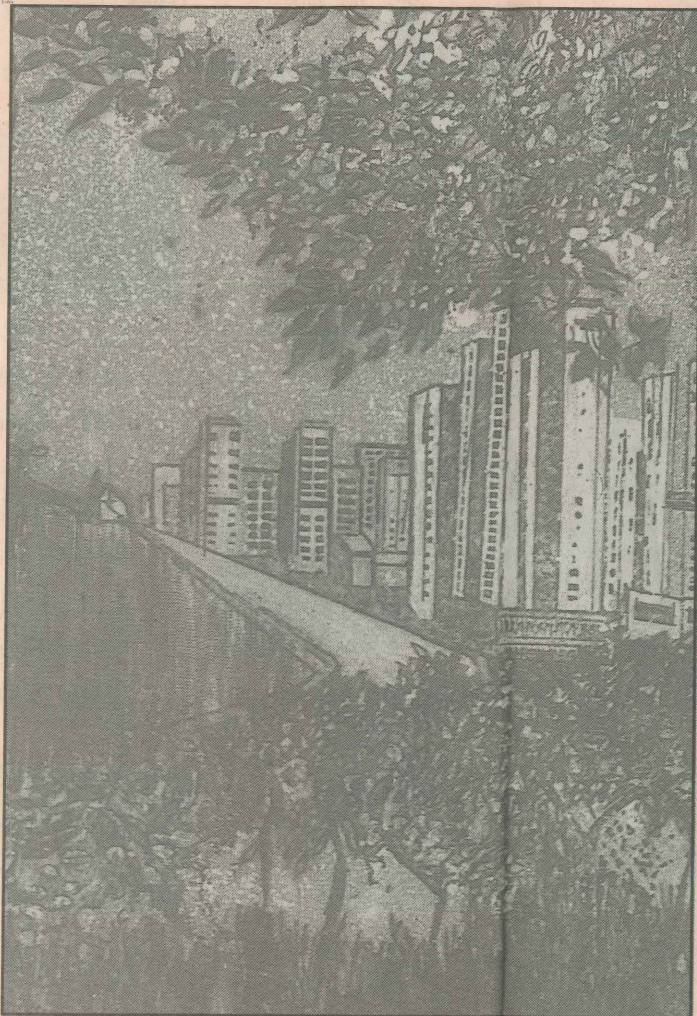
LIGUE JÁ 229-8339

Christina Abelha

Com olhos de quem já mapeou encantos e entraves da capital capixaba, três arquitetos, que têm trabalhado em um novo traçado para Vitória, se propuseram responder uma difícil questão. Que ações desenvolver para que a deliciosa ilha dos poetas e saudosistas não perca suas características de cidade acolhedora? Observando seus monumentos e história, o arquiteto capixaba Alexandre Feu Rosa, 36 anos, comenta: "Eu me pergunto porque o capixaba não tem orgulho de sua cidade tão linda e com uma geografia extraordinária. Talvez seja porque ele não se orgulha da nova geografia urbana traçada pelo homem. Acho que essa intervenção tem que ser feita com carinho". Ele alerta o morador da capital que, na virada do século, Vitória será uma metrópole com problemas acentuados de trânsito e habitação.

O desafio do arquiteto, para ele, é romper o limite de simplesmente fazer uma ponte, construir um abrigo. "Temos que fazer essas coisas com arte, porque a arquitetura registra o conhecimento humano em uma determinada época. Ela conta a nossa história", acrescenta. A oportunidade de realizar esse sonho em Vitória está em algumas áreas ainda não urbanizadas. Segundo Feu Rosa, o capixaba pode e deve mostrar ao mundo o conhecimento e consciência que tem sobre o papel do homem.

O aterro da Condusa é apontado por ele como a área mais nobre da cidade e uma das últimas oportunidades de se fazer ensaios de novas formas de ocupação, que fuja das tradicionais ruas e esquinas. "Temos problemas a enfrentar. Estamos construindo edifícios na Enseada do Suá que vão provocar situações de desconforto urbano sem a previsão de vagas de estacionamento para os carros que por ali vão circular", alerta. Sobre a Avenida Beira Mar, o arquiteto considera um desperdício uma paisagem tão extraordinária privilegiando o automóvel, tirando do homem a possibilidade de apreciação.



PROENG
CONSTRUTORA E
INCORPORADORA
PRODUZINDO ENGENHARIA
CENTRAL DE VENDAS
227-2222

"A moradia do homem do final do século XX não termina na soleira da porta. Nós somos seres eminentemente urbanos. Morar nessa época significa trabalhar, circular, trocar idéias, informar-se, ou seja, o modelo de casa colonial não existe mais. A cidade, daqui para frente, tem que ser construída com a arquitetura que a população demanda e o poder público tem a obrigação de encantar a população com a cidade que está construindo. Ao contrário, a cidade está sendo construída apesar de nós", constata Feu Rosa, sugerindo a vocação marítima de Vitória, que pede urgente urbanização para seus canais e maior cuidado com a orla.

Arquitetura pública

O arquiteto Kleber Frizzera, 45 anos, defende uma arquitetura urbana onde o lazer seja privilégio de todos. "Falta em Vitória arquitetura de cidade, isto é, arquitetura pública para a cidade e não para a vida privada. Todas as belas localidades são agradáveis porque se agiu assim", diz. Para ele, o grande problema dos projetos modernos é que não se faz mais uma arquitetura urbana como quando se pensou a Praça Costa Pereira, o Parque Moscoso e as belas escadarias que Vitória possui. "Ali, os prédios

privados apenas compõem a paisagem. É preciso voltar a desenhar a cidade". Como exemplo de projeto que não deve ser repetido, Frizzera cita Jardim Camburi, onde a única obra executada pelo poder público foi a pavimentação. "O embelezamento passou a ser supérfluo e a cidade ficou descuidada", lamenta.

Frizzera convida a população para pensar um projeto onde o urbano seja um espaço de colaboração e não de disputas, como acredita ocorrer quando a ação privada passa a ser mais importante do que a pública. "Passa a se disputar quem constrói o edifício mais bonito, mais alto etc", observa, lembrando: "Quando a classe burguesa, mercantilista de Veneza construiu seus palácios construiu pela glória de Veneza. Isto é uma relação de diferente de cidadania".

Cooperação

Como exemplo de cidade revitalizada, Kleber cita o movimento de renovação do Centro de Londres, através da cooperação dos setores público e privado. Lá, os edifícios novos estão sendo submetidos à apreciação da prefeitura, que traçou parâmetros de vitalização do espaço público. "Esse é um embate que também teremos que travar. A cidade que se fecha pela violência

ou uma cidade pública, generosa, que acolhe seus moradores"

A avaliação do arquiteto Cesar Mendonça, 47 anos, que também é conselheiro do Plano Diretor Urbano de Vitória, representando a Findes/Sindicon, é de que a cidade tem boas características combinando montanha e mar com belas ruas arborizadas. Tudo isso preservado pelo poder público. "A cidade tem crescido rapidamente. Temos que ordenar esse crescimento, adequando-a aos novos usos, assim como revitalizando o seu Centro.

Sobre a nova arquitetura implantada na Capital, Mendonça comenta: "Vitória é bastante dinâmica nas cores e formas e está criando uma alegria para a cidade fugindo dos cinzas e pastéis. Para que continue a ser gostosa de viver precisamos só do incremento das áreas verdes tanto públicas quanto privadas". Uma alinça entre os setores público e privado, criando condições de o proprietário preservar parte de sua área, com transferência de índices urbanísticos (coeficiente de utilização) para outra área, é defendida pelo arquiteto. Ele avalia ainda a possibilidade de o centro administrativo da Capital ser transferido para a região do bairro São Pedro, que considera o local de crescimento natural da cidade.

O homem e sua memória

"**E**xiste um profundo sentimento de perda quando nos deparamos com as marcas que o progresso insere no espaço urbano: grandes edifícios sendo erguidos ao lado ou no local onde antes repousava quieta a arquitetura antiga. Tentar conter esse fluxo é resistir em vão, mesmo porque existe uma certa beleza no meio desse caos. A epopéia do progresso acaba por conferir uma dignidade peculiar e autêntica às ruínas". Justificando, assim, a proposta do Grupo Varal de Gravura, que realizou mostra em Vitória, com trabalhos em metal na galeria Homero Massena, a artista plástica Samira Margotto elaborou o texto-convide da exposição **O que se Vê, o que se Sonha**, sobre o conjunto arquitetônico capixaba, na visão de 15 gravadores.

A intenção foi resgatar os elementos que mais agradavam a cada integrante do grupo e o resultado, em técnicas que mistu-

ram fotografia e desenho sobre o metal, ficou como uma delicada homenagem à Ilha e seus recantos. "Quando Baudelaire diz que sonha e se inspira no que vê não está somente enaltecendo as transformações que Paris sofreu no século XIX, mas sobretudo indicando que dessas contradições é possível extrair poesia, arte e sonho...", observa Samira, adiantando o tom cordial da exposição diante das mutações sofridas por Vitória. Com ela estão: Andressa Sily, Edelza Flor, Célia Ribeiro, Iliamara Cardoso, José Gomes, Joyce Brandão, Márcio Luiz dos Santos, Maria das Graças Rangel, Natália Branco, Nilza Souza, Raquel Baelles, Sandra Gabler, Yara Mattos e Virgínia Collistet. A visitação à galeria, que fica à Rua Pedro Palácios, 99, Cidade Alta, torna-se um convite à reflexão sobre a cidade e sua arquitetura. E não só: à própria memória do homem.